

# Max Wolf filho: um exemplo, um líder, um sargento da FEB

**\*Maj R1 Elton Licério Rodrigues Machado**

Na madrugada do dia 13 de dezembro de 1944, após mais um ataque infrutífero ao baluarte de Monte Castelo, onde o 11º RI (Regimento de Infantaria) sofrera pesadas baixas, o comandante do 1º Batalhão daquele regimento recebe, em seu posto de comando, um emissário do general Zenóbio (comandante da Infantaria Divisionária). O general solicitava o resgate de um capitão, comandante da 1ª Companhia, que fora atingido na jornada do dia anterior e ficara ferido no local do combate.

De acordo com o general Octávio Costa (2001), o major, comandante do batalhão, sem desmerecer nenhum de seus homens que estavam presentes e com toda a sinceridade, falou ao enviado do general: “Coronel, neste batalhão só há um homem capaz de cumprir essa missão. Esse homem é o sargento Wolf. Vou mandar chamá-lo”.

Quem era esse homem? Era um “combatente extraordinário, um soldado acima de tudo”, e que inspirava muita confiança em seus superiores, conforme o descreveu em um depoimento o general Octávio Pereira da Costa, que, na época, era primeiro-tenente e exercia a função de oficial de informações do 1º Batalhão do 11º RI.

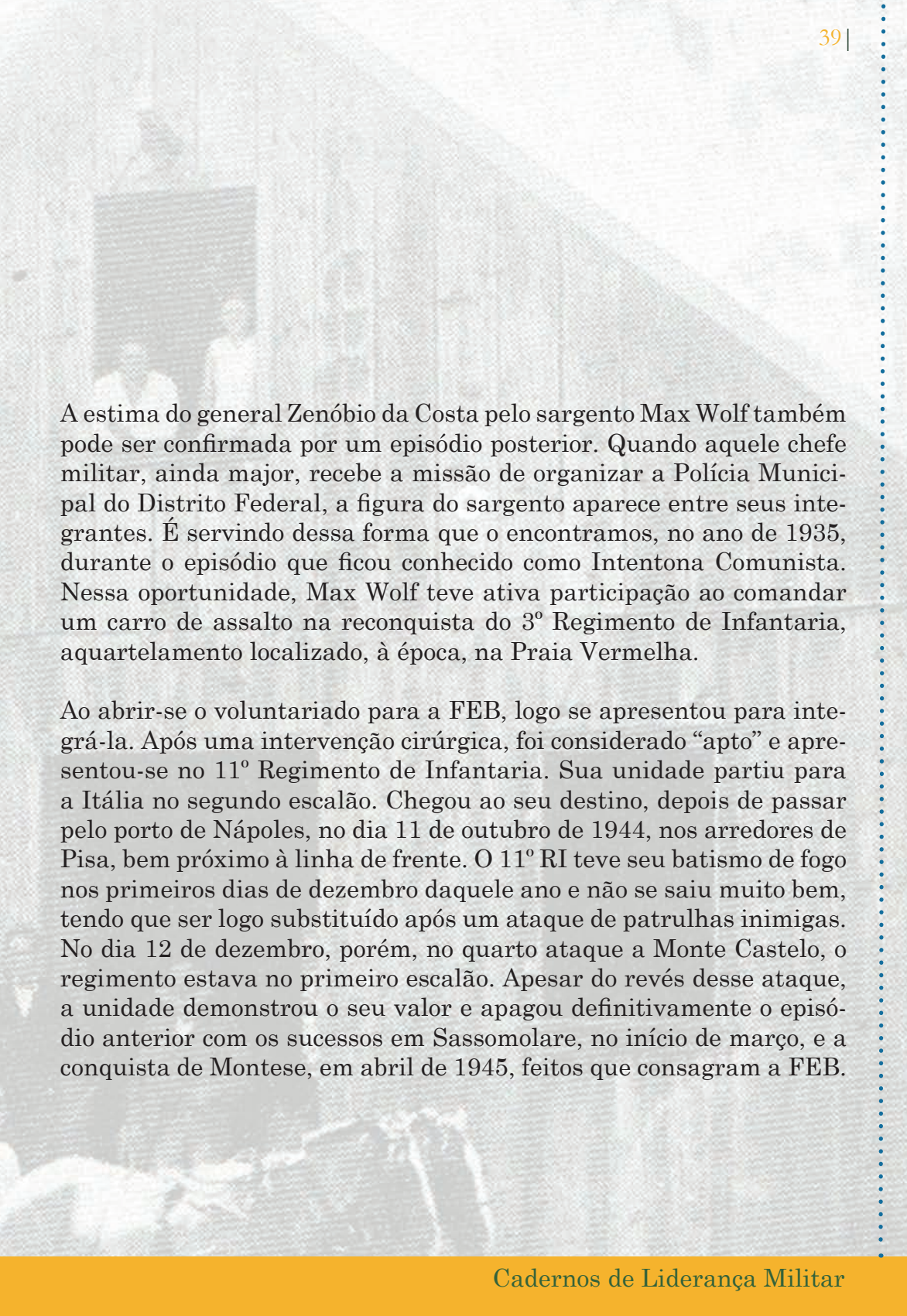
---

\* Elton Licério Rodrigues Machado é major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2001. Licenciado e mestre em História. Foi professor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras e atualmente exerce atividade profissional na área do Direito Previdenciário.

## *De Curitiba aos campos de combate na Itália*

Max Wolf Filho nasceu em uma pequena cidade paranaense chamada Rio Negro, na divisa com o Estado de Santa Catarina, no dia 29 de julho de 1911. Foi o segundo de cinco filhos de um casal formado por um imigrante austríaco com uma brasileira. Desde muito cedo, trabalhou, inicialmente, na torrefação de café paterna e, depois, empregou-se em uma companhia de navegação. Mudou-se juntamente com a família para Curitiba, capital paranaense, e nesta cidade alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores (CCOMSEx, 2011).

A Revolução Constitucionalista de 1932 e seus combates serão seu batismo de fogo. Essa guerra encontrará no cabo Max Wolf, agora servindo no 30º Regimento de Infantaria, sediado no Rio Janeiro, um dos combatentes mais destacados. Podem ser realçados três fatos ocorridos naqueles meses que testificam a afirmação anterior. O ferimento em combate é testemunha do seu espírito combativo, destemor e coragem demonstrada em ação. Outro fato que depõe a favor daquela afirmação é a sua promoção à graduação de terceiro-sargento pouco tempo depois. Por último, o alto grau de estima, confiança e admiração que obteve entre seus irmãos de armas, em especial do então capitão Zenóbio da Costa, seu comandante de companhia.



A estima do general Zenóbio da Costa pelo sargento Max Wolf também pode ser confirmada por um episódio posterior. Quando aquele chefe militar, ainda major, recebe a missão de organizar a Polícia Municipal do Distrito Federal, a figura do sargento aparece entre seus integrantes. É servindo dessa forma que o encontramos, no ano de 1935, durante o episódio que ficou conhecido como Intentona Comunista. Nessa oportunidade, Max Wolf teve ativa participação ao comandar um carro de assalto na reconquista do 3º Regimento de Infantaria, quartelamento localizado, à época, na Praia Vermelha.

Ao abrir-se o voluntariado para a FEB, logo se apresentou para integrá-la. Após uma intervenção cirúrgica, foi considerado “apto” e apresentou-se no 11º Regimento de Infantaria. Sua unidade partiu para a Itália no segundo escalão. Chegou ao seu destino, depois de passar pelo porto de Nápoles, no dia 11 de outubro de 1944, nos arredores de Pisa, bem próximo à linha de frente. O 11º RI teve seu batismo de fogo nos primeiros dias de dezembro daquele ano e não se saiu muito bem, tendo que ser logo substituído após um ataque de patrulhas inimigas. No dia 12 de dezembro, porém, no quarto ataque a Monte Castelo, o regimento estava no primeiro escalão. Apesar do revés desse ataque, a unidade demonstrou o seu valor e apagou definitivamente o episódio anterior com os sucessos em Sassomolare, no início de março, e a conquista de Montese, em abril de 1945, feitos que consagram a FEB.



Encontramos novamente o segundo-sargento Wolf, na fria madrugada de 13 de dezembro de 1944, apresentando-se ao seu comandante e ao emissário do general Zenóbio, com mais dois soldados padioleiros. Chegaram “exaustos, inteiramente fatigados, com lama até nos olhos” (COSTA, 2001, p. 46). Desde o anoitecer, entrava e saía da linha de frente em busca de feridos, e assim continuou até o amanhecer, retirando inúmeros companheiros das mãos inimigas. O sargento Max Wolf pertencia, na ocasião, à Companhia de Comando do batalhão e, por seus atos, era empregado como um elemento de reserva em missões difíceis, especialmente nas patrulhas mais perigosas.

Após o quarto ataque a Monte Castelo, inicia-se a fase conhecida como “defensiva de inverno”, que se prolongaria até o final de fevereiro. Essa defensiva se tornou a verdadeira escola do soldado brasileiro. Foi com essas incursões que aprendeu a lutar. As patrulhas eram, então, uma rotina, e nelas se destacou o sargento Wolf.

“

Apresentando-se voluntariamente para comandar essas pequenas frações que *“infiltravam-se no sistema defensivo inimigo a fim de realizar reconhecimentos, fazer prisioneiros ou resgatar feridos”*. (TAITSON, 2001, p. 322)

”

Por essas qualidades que demonstrou ao conduzir seus soldados em terreno desconhecido e repleto de minas, elevou grandemente o moral dos homens de seu batalhão, a ponto de não faltarem voluntários para essas ações, antes descritas como suicidas. Por esses atos, foi lhe entregue o comando de um pelotão de combatentes de escol para executar as grandes e perigosas ações do batalhão. Era uma fração de elite. Todo soldado queria dela participar.

# Trinta Anos Depois da Volta

Octavio Costa



**BIBLIOTECA DO EXÉRCITO - EDITORA**

Várias são as citações de combate feitas pelo comando de sua unidade sobre os seus feitos. As lembranças de subordinados, companheiros e superiores são inúmeras e aparecem em grande parte dos escritos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Muitas são as histórias que contam seus contemporâneos e que retratam não só a qualidade de combatente, mas também a disciplina, a liderança, o profissionalismo, o desprendimento, a abnegação e o espírito de cumprimento do dever, que devem nortear, servir de modelo e de orgulho a todo soldado brasileiro. Dessas histórias, o general Octávio Costa (2001) destaca dois episódios, que demonstram a capacidade de liderança do sargento Max Wolf.

Certa vez, conta-nos o general, o batalhão recebera vinte *partisans* italianos para servirem de guias e combaterem ao lado da FEB. Percebendo que havia cinco homens que pareciam ser tenentes e o restante soldados, poderia, portanto, distribuí-los por igual número pelas subunidades. Para tanto, perfilou os oficiais à frente e orientou os que pareciam soldados a ficarem atrás do oficial que queriam servir. Todos os soldados se colocaram atrás de apenas um. Esse era o tenente Tito, que, seguramente, segundo o general, não era o mais inteligente, não era o mais culto, não era o mais forte, mas era aquele que todos queriam ter ao seu lado no momento de perigo, era aquele em que todos confiavam. Esse oficial acabou ao lado do sargento Wolf, porque os dois eram o mesmo tipo de gênio, tinham o mesmo modo de proceder, ou seja, “os verdadeiros combatentes falam realmente a mesma linguagem”, concluiu o general.

Em outra ocasião, um graduado não queria cumprir uma missão considerada muito difícil e que, por isso mesmo, era exercida em forma de rodízio pelos pelotões. Poderiam até mesmo levá-lo a Conselho de Guerra, dizia a referida praça. O comandante do batalhão mandou chamar o sargento Wolf. Após uma ordem do comando e alguns minutos a sós com Max Wolf, o homem volta e afirma que cumprirá a missão. O general Octávio Costa, oficial que presenciou o resultado mesmo desconhecendo o que o sargento Wolf havia falado, afirmou posteriormente que ele “pegou um farrapo de homem, passou alguns minutos com ele e o cara volta para dizer que era tão homem quanto o Wolf (...). É simplesmente impressionante”.

Já com toda essa fama, meritoriamente conquistada, é que reencontramos o sargento Wolf, pouco depois das 13 horas do dia 12 de abril de 1945, apenas dois dias antes do episódio que será a batalha mais sangrenta enfrentada pela FEB. Nas jornadas que antecederam o ataque a Montese, o comandante do 4º Corpo de Exército alertara as unidades próximas à linha de contato para o fato de que os alemães, despertados pelos movimentos que se vinham processando por toda a frente, também se movimentavam. Sem saber ao certo qual era o propósito dos alemães, se de reforçarem ou abandonarem as suas defesas, o comando brasileiro procurou certificar-se do que se passava nas forças inimigas. Para isso, determinou que as unidades engajadas lançassem patrulhas à frente. Assim, no dia 12 de abril de 1944, coube ao 1º Batalhão do 11º RI enviar duas patrulhas à vanguarda do seu dispositivo para levantar informações sobre o inimigo (BRANCO, 1960). Uma dessas patrulhas seria comandada pelo lendário sargento, com a finalidade de explorar o ponto cotado 747, na região de Rivia di Biscia, verificando a capacidade de resistência das defesas inimigas.





“

Do que aconteceu com a patrulha e do desfecho de sua missão, possuem-se quatro testemunhos importantes. Duas crônicas escritas por repórteres (Joel Silveira e Thassilo Mitke) e testemunhos de dois oficiais, que, premidos pela função que desempenhavam, seguiam com binóculos a progressão dos patrulheiros. Os dois oficiais eram o então primeiro-tenente Octávio Pereira da Costa, oficial de informações do batalhão, e o capitão Salomão Naslauský, que orientava os fogos de artilharia em apoio aos infantes.

”

Para os jornalistas, era um grande momento, pois acompanhavam as ações do “pelotão de choque” do batalhão, 19 homens conhecidos pela sua coragem e destemor. Deslocaram-se com os patrulheiros até o ponto de partida. Joel Silveira relata as últimas confidências do sargento Wolf: era viúvo, preocupava-se com a pequena filha de apenas 10 anos e, contente, falou sobre a sua promoção ao oficialato, por ato de bravura, que estava para acontecer. Como Joel Silveira (1959) estava recolhendo pequenas mensagens dos soldados para publicar no jornal do qual era correspondente, deixou também uma mensagem com o repórter: “Aos parentes e amigos estou bem. A minha querida filhinha – Papai vai bem e voltará breve”.

A partir desse momento, os jornalistas acompanhados pelo tenente Octávio Costa foram para o ponto de observação e acompanharam a progressão da destemida patrulha, pelas sebes e ravinas. Viram quando ela apontou na “terra de ninguém” e seguiu cautelosa por uma estrada deserta. Seu comandante à frente, facilmente reconhecido pelos cintos de munição cruzados pelos seus ombros, incutia ânimo e coragem aos seus companheiros. O silêncio era quase absoluto. A artilharia do capitão Salomão Naslauský cessara os disparos. Há pouco, aqueles homens, que agora seguia pelos binóculos, tinham passado pelo observatório, o sargento cumprimentara-o efusivamente. Atingiram o primeiro objetivo, um grupo de casas, e logo seguiram para o objetivo final. (MITKE; SILVEIRA, 1960)



Eram cerca de duas e meia da tarde. A patrulha estava a menos de 100 metros do último objetivo: um novo grupo de casas, sobre uma macia elevação. Após transporem uma cerca, ouviram-se os tiros da metralha, partindo das edificações que pareciam abandonadas. Nos observatórios, jornalistas apreensivos perguntaram ao oficial observador se o homem que viram cair era o sargento Wolf. Atingido, cai de bruços, levanta a cabeça... e uma nova rajada de metralhadora faz mais uma vítima na patrulha e barram o avanço até o corpo do sargento. Foguetes iluminativos partem das posições inimigas, pedindo fogo de suas baterias. Uma chuva de projéteis de morteiros e obuses cai sobre a patrulha e posições mais à retaguarda. Jornalistas e oficiais observadores se abrigam nas trincheiras. Estes últimos orientam o fogo das baterias brasileiras e, por mais de uma hora, o duelo encheu o cenário, antes silencioso e deserto.

Quando o cerco é levantado, a patrulha recebe ordem de retornar, pois sua missão fora cumprida. Protegidos pela noite, os patrulheiros retornam ao ponto de partida, tristes e cabisbaixos. Não havia mais dúvidas. Morrera um infante, um soldado, um herói! No batalhão, um jornalista ouve a maior honra que um soldado pode receber, que é o reconhecimento pelo dever cumprido e de seu valor perante seus patrícios. Seu comandante confia: “Este foi um dia triste para o nosso batalhão. Nós perdemos um bravo” (SILVEIRA, 1959).

“

O sargento Max Wolf Filho morreu ao fazer o que mais lhe estimulava e que é uma das mais nobres incumbências da infantaria, ou seja, a patrulha! Nessas missões, ele se atirava com garra, “extrema coragem e impressionante bravura, não obstante sempre com muita responsabilidade e inteligência” (SILVEIRA, 1959). Assim, o epíteto de “Rei dos Patrulheiros” faz-lhe merecimento, sendo um exemplo invulgar que o coloca, juntamente com outras personalidades, a figurar no Panteão dos Heróis da Pátria brasileira.

”

## *Considerações finais*

Na tarde da patrulha de Max Wolf, aparece na linha de partida uma equipe de jornalistas brasileiros, que foi até o local no intento de ver a saída da patrulha. Do trabalho desses correspondentes, surge o flagrante que se tornará uma das imagens mais conhecidas da campanha da FEB: a patrulha do sargento Max Wolf.

O sargento Wolf à testa, parte dos seus comandados logo atrás, abrindo-se numa formação em cunha. Uniformes, equipamentos e armas (metralhadoras “Thompson” em destaque). Rostos expressivos, homens, soldados brasileiros e, sobretudo, combatentes veteranos. Toda essa imagem fixada sobre um cenário de guerra. Nas fardas sem divisas, apenas ressalta, usado com orgulho no braço esquerdo, o distintivo da FEB: “a cobra fumou”.

Essa cena impressiona. É um instantâneo que, realizado sem grandes pretensões, transforma-se num símbolo. Como comenta o general Otávio Costa, a guerra nos Apeninos foi, antes de tudo, uma guerra entre companhias, antes ainda, uma guerra travada por pelotões. Essa parece ser a ideia que o destino queria deixar para a posteridade: um registro cheio de mensagens e significados que transforma um momento cotidiano e efêmero num símbolo eterno.

Enfim, como na famosa foto de Joe Rosenthal, na qual fuzileiros navais erguem a bandeira americana na ilha de Iwo Jima, que passa a ser a grande imagem da Segunda Guerra no Pacífico, o instantâneo da “patrulha do sargento Wolf” passa a ser um registro, uma síntese do que foi a guerra para o Exército, para a infantaria e seus soldados. Mais ainda, do que foi a guerra para o Brasil e seu povo. O monumento “Patrulha Sargento Max Wolf”, que reproduz o famoso instantâneo nas dependências do 20º BIB, muito mais do que homenagear o seu patrono, eterniza, em ferro e em tamanho natural, o espírito do infante.

## Referências

BRANCO, Manoel Thomás Castello. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CCOMSEx (Centro de Comunicação Social do Exército). *Sargento Max Wolf Filho: herói da 2ª Guerra Mundial*. Brasília/DF: Revista Verde-Oliva, Ano XXXIX, nº 212, jul/ago/set 2011.

COSTA, Octávio Pereira da. *Trinta Anos Depois da Volta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo 5.

MITKE, Thassilo; SILVEIRA, Joel. *A luta dos Pracinhas – A FEB 50 anos depois, uma visão crítica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

SILVEIRA, Joel. Eu Vi Morrer o Sargento Wolf. In: SODRÉ, Nelson W. *Narrativas Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1959.

TAITSON, Geraldo Campos. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo 6.

### Sítios da internet

[http://www.germanobayer.pro.br/militar\\_8.html](http://www.germanobayer.pro.br/militar_8.html). Acesso em: 9 abr 2008.

<http://www.mauxhomepage.com/geraldomota/feb028.htm>. Acesso em: 12 abr 2008.



